

RELAÇÃO DO SARS-COV-2 COM ANIMAIS SILVESTRES E A PROSPECÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES NO MEIO URBANO, DURANTE A PANDEMIA

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2^a edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

GARLINI; Marcos Antonio ¹, TININI; Rodrigo Cesar dos Reis², GAMBALE; Priscilla Guedes ³, MATTANA;
Mário Rafael Alves ⁴, SACOMAN; Sidinei ⁵

RESUMO

Introdução O Sars-Cov-2 é o novo agente infeccioso viral respiratório emergente, integrante da ordem *Nidovirales*, família *Coronaviridae* e do gênero beta coronavírus. Recentemente responsável pela pandemia da Covid-19. É essencial entender como este vírus funciona e sua relação com animais reservatórios e hospedeiros. Compreender o que as pesquisas científicas descobriram, pode facilitar o estudo da ação viral e seu controle. Desta forma, será possível propor medidas atuais e prevenir futuras doenças reemergentes e emergentes. Além disso, existem relatos de animais silvestres, vistos em áreas urbanas, cujo sua aparição era restrita. Isto, devido às restrições que o isolamento vem afetando a população urbana. A presente revisão objetivou fazer levantamento bibliográfico a respeito da fauna silvestre e a relação com o novo coronavírus, pontuando os reservatórios de coronavírus, a fauna silvestre em áreas urbanas, e SARS-CoV-2 em animais selvagens. **Reservatório de coronavírus** Os morcegos são os animais que possuem maior suscetibilidade em abrigar vírus zoonóticos do que outras classes de mamíferos. Vivem em colônias densas, adaptadas a habitats urbanos e dispersão a longas distâncias. Como hospedeiros de patógenos zoonóticos, têm-se os (CoVs) que, causam doenças graves em humanos e animais. Com o aumento da vigilância em animais selvagens, mais de 200 novos coronavírus foram identificados em morcegos, outros animais como os camelos também são reservatórios naturais de transmissão do vírus. A recombinação interespécie pode resultar em outros coronavírus infecciosos aos humanos, como os SARS-CoV's. Estes vírus têm capacidade de infectar e persistir em várias espécies, bem como possuir variação nas espécies (facilidade e rapidez em causar doenças). Os hospedeiros intermediários dos diferentes CoVs são camelídeos, bovinos, civetas e suínos. No entanto, os hospedeiros intermediários do SARS-CoV-2 não são adequadamente claros e ainda não foram especificados. Embora os morcegos sejam considerados os principais vetores intermediários de SARS-CoV-2, recentemente, um grupo de pesquisa informou que os pangolins podem ser também um dos hospedeiros intermediários. Pois descobriram que 70% dos pangolins são positivos para o coronavírus. O vírus do pangolim compartilhou 99% de similaridade sequencial com a atual cepa humana infectada SARS-CoV-2. Acredita-se que transmissão em humanos está relacionada a oferta e comercialização de animais silvestres. Estatisticamente, evidenciou-se que 66% das pessoas diagnosticadas, tinham histórico de contato com o mercado de frutos do mar em Wuhan Huanan. Nesta cidade eram vendidos animais silvestres vivos ou animais silvestres abatidos para consumo alimentar. **Sars-CoV 2 em animais selvagens** A sociedade de conservação dos animais selvagens confirmou que um tigre, no zoológico de Bronx, Nova York, testou positivo para SARS-CoV-2 após a exposição aparente a um trabalhador contaminado. Os sintomas do tigre malaio, foram tosse seca e perda de apetite. Outros felinos presentes no recinto, como outros tigres e leões africanos também manifestaram os sintomas do novo coronavírus. Esses casos evidenciam o que é chamado de transmissão reversa, que consiste na transmissão zoonótica do humano ao animal. Neste sentido, a interação impõe maior controle e protocolos para o combate de zoonoses. Apesar da transmissão ocorrer do ser humano ao

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., marcos-garlini@hotmail.com

² Doutor em Zootecnia. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., mailto:rodrigotinini@gmail.com

³ Doutora em Ecologia. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu - Uniguaçu., priscillagambale@gmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., mmattana155@gmail.com

⁵ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., sidsacoman@gmail.com

animal, estes animais não foram detectados transmitindo o vírus ao ser humano.

Fauna silvestre em áreas urbanas Com o implemento do isolamento social, como forma de controle de disseminação viral frente a pandemia, ambientes urbanos se tornaram propícios a visitantes da fauna silvestre. Na Ásia, grupos de macacos disputam território e comida em zonas urbanas da Tailândia. Da mesma maneira, ocorre na cidade de Nara (Japão), invadida por rebanhos de cervos (*Artiodactyla: Cervidae*), que saem em busca de comida. Na América do Sul, animais silvestres vêm sendo presenciados nos centros urbanos, como onças pardas, vinda das montanhas próximas, em Santiago, Chile. Pessoas relataram golfinhos em águas tipicamente calmas no porto de Trieste, na Itália, e de chacais em plena luz do dia em parques urbanos em Tel Aviv, Israel. Portanto, o avanço da fauna silvestre em áreas urbanas demonstra o quanto o mundo tem se transformado perante esta pandemia. A reclusão das pessoas, pelo fato da quarentena, abriu espaço aos animais silvestres, evidenciando assim, maior contato com humanos, facilitando os riscos fatais de contágios por zoonoses, atualmente a COVID-19.

Considerações Finais O SARS-CoV-2 desencadeou mudanças profundas na forma de entendimento sobre evolução de vírus e na relação homem e animais silvestres. Animais silvestres são o foco no desenvolvimento de pesquisas, quanto a ação, transmissão e genética viral. Pode-se concluir na bibliografia a necessidade de mais trabalhos aprofundados visando resolução de problemas relacionados a doenças emergentes e propondo protocolos para se evitar emergências de patógenos virais.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus, Isolamento Social, Agente Infeccioso

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., marcos-garlini@hotmail.com

² Doutor em Zootecnia. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., mailto:rodrigotinini@gmail.com

³ Doutora em Ecologia. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu - Uniguaçu., priscillagambale@gmail.com

⁴ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., mmattana155@gmail.com

⁵ Discente do curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu – Uniguaçu., sidsacomam@gmail.com